

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»

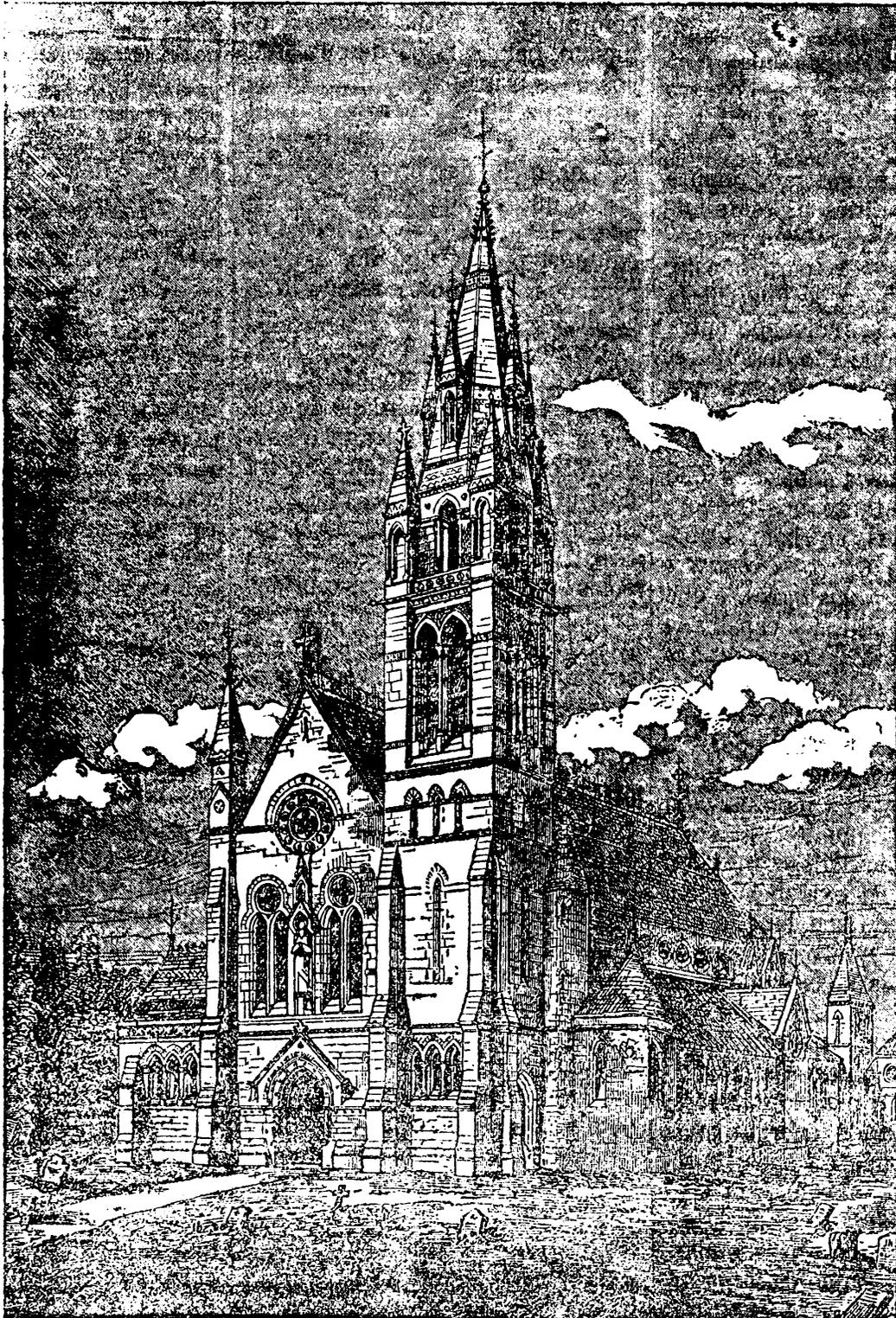
AD PHILIP. 13, 14.

Editor e administrador, JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA—Redactor, A. PEIXOTO DOAMARAL

Typ. de J. F. da Fonseca—Pizarra, 74

SUMMARIO:—SECÇÃO DOCTRINAL: *Ainda a questão religiosa*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. A. Peixoto do Amaral; *Voltarão os Frades?* por um Catholico.—  
SECÇÃO CRITICA: *Biblia*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Alves d'Almeida.—SECÇÃO LITTERARIA: *Milicia Christi*, 2.<sup>a</sup> parte, pelo rev. dr. José Rodrigues Cosgava;  
*O cancionero de Leão XIII* (soneto), pelo ex.<sup>mo</sup> snr. J. S. G.; *Maria*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. A. Moreira Bello.—SECÇÃO HISTORICA: *Antonio Luiz Se-  
guier*, pelo rev. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO ILUSTRADA: *Egreja de S. Colman*; *Santo Elias no deserto*.—SECÇÃO BIBLIO-  
GRAPHICA.—NECROLOGIO.—RETROSPECTO.—EXPEDIENTE.

Gravuras: *Egreja de S. Colman*; *Santo Elias no deserto*.



Egreja de S. Colman

## SECÇÃO DOCTRINAL

## AINDA A QUESTÃO RELIGIOSA

Valente e bem applicada foi a objurgatoria que a illustrada commissão de vigilancia, eleita em fevereiro d'este anno, para revindicar os direitos do clero, com respeito á questão do ensino secundario, deu nos seus detractores, que, sem sciencia nem consciencia, andavam promovendo manifestações contrarias e amesquinhando injusta e illegalmente as bem fundadas aspirações do clero portuguez.

Por varias vezes que o *Progresso Catholico* tem mostrado quanto desejava ver praticadas estas justas pretensões, por ser a realisação d'um beneficio para o paiz, attentas as tendencias anarchicas que se vão desenvolvendo entre nós, ao passo que vão desaparecendo as crenças religiosas que engrandeceram nossos paes, que fizeram a gloria de Portugal e a que devemos a felicidade que n'outras eras tanto nos bafejou.

Referimo'-nos ao bem elaborado opusculo *Objecções contra o Ensino Religioso nos lyceos*, e que profusamente tem sido espalhado por todo o paiz. Nunca as mãos doam á benemerita commissão, composta de oito ecclesiasticos, qual d'elles mais distincto por sua illustração e virtudes, pois que, desfazendo os argumentos com que systematicamente era combatido o ensino religioso, mostrou a toda a luz da evidencia que a razão estava do seu lado, e que de justiça era que o parlamento sancionasse as suas justissimas e imprescindiveis aspirações.

Em treze logicas e concludentes objecções pulverisa a illustrada commissão a pseudo-sabedoria de meia duzia de energumenos que em si pouco ou nada representam, mas que, sem esta erudita reprimenda, fariam engrossar o numero dos adversarios, e alastrar o mal, abusando da ignoran-

cia em que infelizmente tanto abunda o paiz, pois que a tendencia geral do seculo é abraçar o mal e desprezar o bem.

Não podemos, de forma alguma, em razão das acanhadas dimensões do nosso jornal, publicar na integra o proficiente trabalho da commissão, o que aliás desejaríamos fazer, por ser uma questão capital para a causa religiosa que tanto a peito defendemos. No entretanto diremos que é um trabalho perfeito e bem acabado; e bem merece a distinctissima commissão, pelo serviço que prestou aos bons principios, á moralidade e ao paiz inteiro, porque é para nós arreigada convicção de que só por meio das crenças religiosas é que o paiz de novo se erguerá, levantando-se do lethargo em que, por castigo dos nossos peccados, ha muito tempo tem jazido.

Combatendo, na terceira objecção, o capcioso argumento de que em Portugal ha liberdade de cultos e que seria contraria a esta liberdade a criação d'uma cadeira de religião nos lyceos, mostra a illustre commissão a legislação patria, infelizmente tam descurada pelos poderes publicos, que deixam passar como letra morta o Art. 130.º do Codigo Penal, onde se preceituam disposições, que, a serem cumpridas, deixaria de se assistir ao espectáculo que diariamente se presenciera por toda a parte, pois que sem pejo algum e com o maior desplante possivel, é a religião hodiernamente desacatada por quantos bossaes e ignorantes se lembram de a desvirtuar, blasphemando-se publicamente do santo nome de Deus, e injuriando-se e calumniando-se relesmente todos os seus ministros.

E como parece que é vulgarmente ignorada esta disposição legal, para aqui transcrevemos o Art. 150.º do Codigo Penal, que é concebido n'estes termos:

«Aquelle que faltar ao respeito á religião do reino, catholica, apostolica, romana, será

condemnado na pena de prisão correccional desde um até dois annos, e na multa, conforme a sua renda, de trez mezes até trez annos, em cada um dos casos seguintes:

1.º—injuriando a mesma religião publicamente em qualquer dogma, acto ou objecto do seu culto, por factos ou palavras, ou por escripto publicado, ou por qualquer meio de publicação;

2.º—tentando pelos mesmos meios propagar doutrinas contrarias aos dogmas catholicos definidos pela Igreja;

3.º—Tentando por qualquer meio fazer proselytos ou conversões para religião diferente, ou seita reprovada pela Igreja;

4.º—Celebrando actos publicos d'um culto que não seja o da mesma religião catholica.

§ 1.º—Se o criminoso for estrangeiro, serão n'estes casos, substituidas as penas de prisão e de multa, pela de expulsão do reino até doze annos.

§ 2.º—Se unicamente se tiver commettido simples falta de respeito, ou as palavras injuriosas ou blasphemias forem proferidas de viva voz publicamente, mas sem intenção de escarnecer ou ultrajar a religião do reino, nem de propagar doutrina contraria aos seus dogmas, será somente applicada a pena de reprehensão, podendo ajuntar-se a prisão de trez a quinze dias.

§ 3.º—Se a injuria consistir no desacato e profanação das Sagradas Formas da Eucharistia, a pena será de dois a oito annos de prisão maior celular, ou, em alternativa, a prisão maior temporaria.

Art. 151.º—A mesma pena será imposta áquelle que, por actos de violencia perturbar ou tentar impedir o exercicio do culto publico da religião do reino.»

Se a lei fosse pois cumprida, nem eram toleradas no paiz as *Associações do Registo civil*, e suas congengeres, que fazem publica e escandalosamente propaganda da sua maldita seita, nem a auctoridade consentiria no espectáculo dos enterros civis, com bandeiras e estandartes pelas ruas publicas, zombando da religião catholica, e fazendo alarde das suas crenças hereticas, nem eram toleradas as assuadas que se fazem aos circulos catholicos, por mostrarem os seus membros que amam a Deus e respeitam os seus ministros, nem havia estrangeiros impudentes que, fazendo gala da benignidade com que são tratados, e da hospitalidade que lhe concedemos, fazem predicas anti-religiosas, zombam dos nossos dogmas, fazem proselytos para a religião protestante e ainda por cima se riem do não cumprimento das nossas leis.

Antes de terminar, não podemos nem devemos deixar de chamar a attenção do leitor, para a objecção nona em que se combate

a ignorancia dos livres pensadores, quando se atrevem a asseverar que no ensino secundario das nações cultas se não encontra uma cadeira que tracte de religião. Ahí é que foi uma lição de mestres, porque certamente S. Thiago não deu tanto nos mouros, como a dignissima commissão deu na turba ignara dos maledicentes da nossa santa religião.

Assim a commissão mostra, á face de documentos officiaes, 1.º que na Allemanha é obrigatorio o ensino religioso, *pois que sempre acompanha o alumno em todos os annos que duram o curso primario e secundario* tanto que, nos diplomas que se lhes passa em todos os gymnasios e lyceos, se começa sempre por attestar que o alumno se acha sufficientemente instruido na sua religião, e conhece os fundamentos da fé tradicional de seus paes; — 2.º que na Hungria se empregam 16 horas por semana, no estudo religioso em todos os lyceos, tanto classicos (gimnazium), como modernos (realiskola); — 3.º que na Suissa ha 1 hora de religião para a 1.ª classe, e 2 horas nas demais classes até á 5.ª, em que se ensinam o Antigo e Novo Testamento, ensinando-se alem d'isso no Gymnasio superior de Berne a Historia completa da Igreja e a Historia Comparada das Religiões; — 4.º que na França o ensino religioso é dado uma vez por semana a cada uma das trez divisões de alumnos (grandes, medios e pequenos), durando uma hora cada lição; — 5.º que na Inglaterra ha um cuidado especial no ensino religioso, sendo importantissimos os programmas dos exames; — 6.º que na Belgica a religião é excepcionalmente estudada, sendo obrigatorio o seu ensino em todos os institutos secundarios e superiores; e 6.º que finalmente na Hespanha tendo sido publicada em 1895 a reforma da instrucção secundaria (por decreto de 16 d'outubro d'esse anno), e tendo sido, como entre nós, omittido o ensino

religioso, foi porém afinal estabelecido esse ensino, apoz um longo debate no parlamento — que durou dois mezes, e em que tomaram parte todos os deputados, apresentando reclamações de congressos catholicos e de prelados.

Não será Portugal tambem enobrecido com esse ensino, nos seus institutos secundarios, sendo uma nação catholica, cujo manarcha se condecora com o titulo de fidelissimo?

Era o que nos faltava ver.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## Voltaão os Frades?

(AO CORRER DA PENNA)

(Continuação)

*Tudo contra!*

*Os Frades, a população e o trabalho.*

**H**A individuos, que, para mostrarem, que as corporações religiosas são prejudiciaes, dizem, que «ellas podem ser causa de diminuir a população e assim faltarem braços para as artes e para a agricultura, e faltarem individuos para o exercito.»

Para algumas pessoas, a prosperidade e a ventura de um paiz ou de uma localidade dependem do grande numero de individuos.

Joaquim Antonio de Aguiar era da mesma opinião e assim o expõe no seu «Relatorio para a extincção das Ordens religiosas.»

E, no entanto, aquelle ministro do primeiro Imperador do Brazil, conservou-se solteiro e, portanto, se teve filhos, (o que não sabemos) foram effeito das fraquezas humanas, ás quaes podem estar sujeitos os individuos de todas as classes, estados e posições.

Um escriptor nosso, que com muita proficiencia trata da materia, de que nos estamos occupando, diz, que o augmento da população só servirá, «para andarem pelas ruas de Lisboa mais pescadores mendigando.»

Nós, ampliando o pensamento d'esse escriptor, cuja obra muito nos tem auxiliado n'estas considerações, diremos, que não achamos grande vantagem no excesso da população n'um paiz, como o nosso.

Portugal, falto de recursos, sem protecções dos poderes publicos, sem industria fabril verdadeiramente de-

senvolvida e sem um futuro, que possa antever-se muito prospero, vê todos os annos sair grande numero de seus filhos, que vão procurar, no Brazil e n'outros paizes estrangeiros, os meios, que a patria não póde dar-lhes, para elles e para as suas familias.

Muitos d'elles por lá acabam os seus dias, deixando as familias na miseria.

Se a patria lhes desse os indispensaveis meios, não precisavam de abandonar a patria.

\*

Não é raro o ouvir dizer-se, que, d'uma fabrica ou de diversos estabelecimentos fabrís, foram despedidos operarios em grande numero.

Nem sempre se dão d'esses casos, porque os proprietarios d'esses estabelecimentos deixem de auferir lucros, mais ou menos avultados.

Quasi sempre se dão, porque os proprietarios, tendo feito a acquisição de machinas, applicaveis aos trabalhos, prescindem dos braços de muitos individuos, que, até certa epoca, foram alli pouco mais, que uns laboriosos escravos!

E estes desgraçados ou procuram recursos emigrando, ou vão augmentar o numero dos mendigos, que vagueiam não só nas ruas da capital, mas em muitas terras da provincia.

E, por isso, se escutam por muita parte as queixas e os lamentos dos operarios sem trabalho.

E por identicos motivos, se veem, por muitas terras, familias inteiras mendigando; crianças, cheias de fome e de frio, e infelizes, maldizendo a sorte e a hora, em que vieram ao mundo.

Veem-se quadros de miseria por toda a parte e não falta quem reconheça, que para isso concorre o excesso de população.

\*

Nos grandes centros, onde o luxo, o trabalho, o progresso e o bem estar dos felizes disputam primazias, não é raro ver, ao lado dos grandes palacios, muitos infelizes, magros, esqualidos e definhados pelo frio e pela fome.

\*

Nós não queremos dizer com isto, que applaudimos a *Seita dos estereis*. Tinha esta como lemma «a protecção á população existente, mas evitar a população no futuro.»

E os sectarios de taes ideias, fundavam-se nas tristes realidades da vida, descrevendo os quadros das mi-

zerias e tirando, como conclusão dos seus argumentos, que a humanidade é sempre infeliz.

Estas verdades são de um positivismo incontestavel, mas seriam uma desgraça, se todos as seguissem a ponto de, dentro em pouco, o mundo ficar deserto e, pouco antes, ser habitado por individuos, entregues a vicios, contrarios ás leis da natureza e ás da boa educação social.

E a historia d'isso nos dá exemplos.

Dar, porém, todas as largas aos sensuaes appetites, sob o pretexto de augmento da população, sem que se cuide do futuro d'esta nem do presente da população actual, é o cumulo do egoismo, se não o é da crueldade.

\*

Bem sabemos, que hoje por muitas partes se tem organizado associações de caridade; que se tem creado asylos para a infancia desvalida e para os velhos, impossibilitados para o trabalho; que ha e tem havido as sopas economicas e os subsidios domesticos aos desvalidos; que não falta quem promova espectaculos, bailes e outras distracções, cujas entradas revertem em favor de classes infelizes; e que não tem faltado publicações litterarias com applicações identicas.

Nos conventos, tambem se exercia a caridade, porque se dava todos os dias um grande numero de esmolas e o jantar a muitos pobres e a não poucas familias envergonhadas, que haviam caído em miseria.

Esses estabelecimentos tambem empregavam artistas nas obras, quasi ininterrompidas, que era mister fazerem-se, para augmento ou para conservação dos templos e das habitações monasticas; nas festividades, hospedagens e subsistencias não deixavam de fazer despezas, com que mais ou menos protegiam as classes industriaes; assim como empregavam não poucos braços nos trabalhos das cercas e propriedades rusticas, quando as respectivas ordens não eram puramente mendicantes.

Havia, porém, uma differença. Os frades protegiam os pobres e as classes trabalhadoras, sem fazerem d'isso grande ostentação nem apregoarem a sua caridade em noticias jornalisticas.

Se, pelo celibato, a que eram obrigados, podiam concorrer, para que diminuísse a população; a, que existia, encontrava n'elles protecção e amparo.

Não promoviam bailes nem espectaculos, sob pretexto de caridade, e onde ás vezes a receita não dá para

a despeza, e com os quaes se obrigam muitas familias a sacrificios, para mostrarem trages luxuosos e para comprarem objectos, que, apenas, podem figurar por algumas horas e cujo valor seria melhor empregado em esmolas aos pobres.

Tem havido e ha excepções e não deixamos de louvar os bons intentos, de quem promove as reuniões, com fins caritativos. Mas, porque ha quem promova a caridade por taes meios, não se segue, que não podessem ser muito aproveitaveis os actos de caridade, praticados pelos habitadores do claustro.

Além d'isso os frades tratavam da remissão dos captivos; pediam esmolas para estes e para os enfermos; accudiam ao povo nas calamidades publicas; tratavam dos enfermos pobres; assistiam aos agonisantes; pré-gavam, confessavam e ensinavam gratuitamente; protegiam individuos, faltos de meios, mas inteligentes e amantes do estudo; serviam de recurso aos governos, quando os cofres publicos estavam exhaustos; ajudavam os parochos em seus serviços; franqueavam as suas livrarias aos estudiosos e praticavam outros actos, dignos de elogios.

\*

Um outro mal tem causado entre nós o excesso da população.

Todas as classes gostam hoje de viver afdalgadamente. E, apesar de muita gente fallar contra os antigos morgados, contra as fidalguias e contra as classes privilegiadas, poucos individuos querem ser artistas e agricultores.

Quasi todos aspiram a ser funcionarios publicos. E eis a razão, porque se veem as nossas secretarias cheias de empregados, que nada tem que fazerem e que allí vão, apenas, para conversarem ou que deixam passar muitos dias, sem allí apparecerem.

Os nossos governos tem inventado uma classe de estabelecimentos publicos, para empregarem um pessoal inhabil ou tirado de classes afdalgadas, que não querem trabalhar ou que dissiparam loucamente os seus haveres.

Crearam aulas, escolas, estabelecimentos, ou coisas semelhantes, de agricultura, pomologia, fructuaria, lactinios, viticultura e outros misteres.

Tem isso causado enormes despezas ao Estado com edificios, machinas, petrechos, gados e um pessoal numerosamente escandaloso.

Passados tempos, são supprimidos esses estabelecimentos, em que se gastaram centenaes de contos.

Os edificios ficam á mercê dos tempos. As machinas e os petrechos ficam a inferrujarem-se e a apodrecerem. Os gados são vendidos ao desbarato. Os empregados, desprotegidos, vão para suas casas passar fome e á espera de nova collocação. Os protegidos, vão para as suas casas, muito socegradamente e recebem todo ou quasi todo o ordenado sem trabalho nem cuidados, como não tinham cuidado nem trabalho, emquanto durou o estabelecimento, a que pertenciam e que foi creado unicamente, para haver um pretexto de dar ordenados a taes individuos.

Não serão estes e os taes estabelecimentos mais prejudiciaes ao governo e ao paiz, do que eram os frades e os conventos?

Creemos, que ninguem ouzará contestal-o.

\*

Como os bens dos conventos já não existem para accomodar muitos famintos e para se pagarem muitos serviços politicos, inventaram-se estes meios, para alimentarem os dissipadores dos proprios haveres e os que desejam viver com mais commodos, do que viviam os antigos senhores feudaes.

E o povo vae pagando. O paiz vae empobrecendo e as contribuições augmentam de anno para anno.

\*

\* \*

Ha gente, que sempre diz mal dos frades, por todos os motivos e por todos os modos.

Por isso não falta quem argue pelo sim e pelo não contra elles.

Se alguém disser, que, nos tempos das nossas glorias maritimas, Portugal, apesar de ser um paiz pequeno, tinha individuos, que chegavam, para povoarem o paiz e darem seu contingente para a guerra, para as conquistas, para as colonias e para as nossas emprezas, descobertas e commercio, não falta, quem diga, que isso não admira, porque era grande o numero dos frades e estes, sem trabalho e vivendo á farta, tornavam-se viciosos e sensuaes e augmentavam, por isso, a população.

Se, porém, se diz, que hoje tem augmentado consideravelmente a população, não falta quem diga, que isso é devido á vantajosa e salutar medida da extincção das ordens monasticas, medida sempre digna de elogios e que muito honra a memoria do Ministro, que a referendou.

E' o caso de se dizer: *Post hoc, ergo propter hoc.*

\*

A população é uma riqueza, quando todos os habitantes das localidades têm recursos, de que lancem mão, para a sua subsistencia e quando os terrenos produzem o indispensavel para isso.

Mas n'um paiz, como o nosso, que precisa de abastecer os seus mercados com cereaes, importados do estrangeiro, a muita população é uma grande desgraça.

Percorra-se o nosso paiz e ver-se-hão muitos hectares de terreno, completamente incultos e abandonados. O nosso governo não trata de mandar para alli colonos e não manda distribuir esse terreno por familias pobres e que não tem, onde ganhem para a sua subsistencia.

Se, porém, um individuo, favorecido da fortuna, houver comprado uma charneca pedregulhosa ou um areal inculto e, á custa de grandes sacrificios pessoaes e pecuniarios, converter esses tratos de terreno em campos productivos, não faltarão empregados da fazenda nem informadores, que tratem de augmentar os tributos, pagos pelo proprietario, cujos sacrificios redundaram menos em proveito proprio, do que em proveito do governo e dos seus empregados.

\*

Mas não se attribua á extincção das ordens monasticas o augmento da população no nosso paiz. Ella provem da longa paz, em que temos vivido, alterada, apenas accidentalmente, e menos devida ao nosso bem-estar do que ao indiferentismo, que tem subjugado os animos de quasi todos os portuguezes,

E se, por causa da existencia das corporações religiosas, muitos individuos deixaram de vir ao mundo, tambem elles não tiveram de soffrer os trabalhos e as desventuras da vida e não tiveram receios pelo seu futuro e pelo futuro das suas familias.

Não gozaram os prazeres inherentes á existencia, mas não libaram a taça das desventuras da vida, sempre sujeita a desgostos, a doenças, a sustos, a crimes e a lagrimas.

UM CATHOLICO.

## SECÇÃO CRITICA

### Biblia

(Continuado de pag. 104)

**OCOZIAS.** Filho d'Accab e de Jezabel. Succedeu a seu pae no throno

d'Israel no anno 18 de Jozaphat Rei de Judá. Foi seu reinado, como o do seu predecessor, uma serie de crimes em que, todavia, houve a vantagem de só ter durado 2 annos. E, não tendo deixado filhos, subiu ao poder por sua morte seu irmão Joram.

**OCOZIAS.** Filho de Jozaphat. Succedeu a seu pae no throno de Judá no anno 12 de Joram filho d'Accab Rei d'Israel. Foi morto por Jehú filho de Jozaphat filho de Namsi, que tambem matou a Joram filho d'Accab.

Reinou um anno em Jeruzalem, tendo por sua morte empunhado o sceptro Athalia sua mãe. *V. Jozabeth, Athalia, etc.*

**OFFERTAS.** «Não offererás a Deus, diz a Lei de Moysés, o preço do teu cão, nem o producto da prostituição, porque ambas estas coisas são abominaveis aos olhos de Jehovah».

**OG.** Rei de Bazan. Deu batalha a Israel que o derrotou em Edrai e se assenhoreou de todas as suas terras com 60 cidades, villas e aldeias áquem do Jordão em Amorrh, tendo respeitado a parte de Seir, que era de Moab e d'Ammon.

Este rei, cujo leito media 19 palmos de comprido, era da raça de Enac. *V. Enacins.*

**OIRO.** O empregado no Tabernaculo, vazos sagrados, etc., etc., offerido pelos israelitas, pesavs 29 talentos e 630 siclos. *V. Prata.*

**OLIAB.** E' o nome d'um dos artifices que fizeram toda a obra do Tabernaculo. Era da tribu de Dan. O outro chamava-se Bezeleel.

**OLIBAMA.** Filha de Beer. Foi mulher d'Ezaú.

**OMAR.** Principe filho d'Eliphaz, filho d'Ezaú. Foi principe do seu povo.

**ONAN.** Filho de Judá filho de Lia e de Jacob. Foi casado com Thamar. *V. Thamar.*

**OPHIR.** Filho de Jectan filho de Heber. *V. Jectan.* Aphir é tambem o nome d'uma cidade e sua região, onde Salomão costumava mandar ao oiro de 3 em 3 annos. *V. Aziongaber, Tharsis, etc.*

**OPHNI.** Sacerdote filho do Pontifice Heli. Apezar das reiteradas admoestacões de seu pae, era mau sacerdote e mau homem, bem como Phineas seu irmão. Foi morto pelos philisteus em batalha contra Israel, tendo seu irmão perecido do mesmo mal. *V. Heli.*

**OREB.** Principe de Madian. Foi morto pelos filhos de Jacob na batalha contra os Reis Zebèe e Sálmana. *V. Gedeão.*

**ORPIA.** Mulher de Guelion filho de Elimelech e de Noemi, sogra de Ruth. *V. Elimelech.*

**O SENHOR VÊ.** Nome que Abrahão

deu ao sitio do Monte Moria onde esteve para offerecer seu filho Izaac em holocausto a Jehovah, o que não fez porque Deus lhe fallou pela bôcca d'um anjo, quando elle já erguia o tremendo golpe filicida, fazendo-lhe ao mesmo tempo ver um carneiro que o fiel patriarcha offereceu em lugar de Izaac.—Se a crença d'Abrahão era grande, a resignação de Izaac não era menor.

**OSSOS DE JOSÉ.** Quando os filhos de Jacob sahiram do Egypto, levaram comsigo os *ossos de José* seu irmão, porque ainda se não tinham esquecido de que elle os havia conjurado, dizendo: «Deus vos ha-de visitar: levae connosco os *meus ossos*».

Aqui prevê José, como seu pae, a Passagem do Senhor por Israel, e a sahida do seu povo da terra de Gessem.

Os *ossos de José*, pois, foram re-sepultos cêrca de 45 annos depois da sahida dos israelitas do Egypto, em Siquem, n'um campo que Jacob havia comprado aos filhos d'esta cidade por 100 cordeiras. *V. Bençam.*

**OTHONIEL.** Genro do principe Caleb por ter casado com sua filha Axa. Aconselhou sua mulher a que pedisse certo campo de rega a Caleb seu sogro, o que este promptamente lhe concedeu. Foi Athoniel o 1.º Juiz dos filhos de Jacob que julgou 40 annos. *V. Cusan.*

**OZA.** Filho do principe Aminadab. Foi um dos conductores do carro que levava a Arca de Deus de casa de seu pae para Jerusalem onde, d'esta vez, não chegou a entrar, porque, tendo-a Oza tocado, o Senhor o feriu e o matou, o que vendo David, temeu e a deixou em casa d'Obededon d'onde, passados 3 mezes, a fez conduzir á cidade santa, onde entrou dançando adiante d'ella. *V. Arca de Deus.*

**OZÉE** Principe filho de Nun da tribu d'Ephraim. Moysés lhe chamou Josué e o fez seu ministro. *V. Josué.*

**OZEIAS.** Filho de Ela. Tendo matado a Phaceu Rei de Israel, subiu ao throno em seu logar no anno 4 de Accaz Rei de Judá. Foi seu reinado uma serie de crimes que ainda durou 9 annos, findos os quaes, Salmanazar Rei d'Assyria lhe tomou, não só a sua cidade, mas todas as mais do seu reino, levando seus habitantes para a sua terra, onde, espalhados por diversas cidades, nunca mais se poderam juntar.

Foi Ozeias o ultimo Rei d'Israel, cujo reino, desde o tempo de Jeroboam filho de Nabat, contava 244 annos.

**OZEIAS.** Propheta filho de Beer. Foi o tempo de Joatam, filho d'Ozias Rei de Judá. Predisse, entre outras coi-

sas, mais ou menos importantes, a ruina da Samaria ou de Israel.

**OZIAS.** Filho d'Amazias e de Jaquelia. Succedeu a seu pae no throno de Judá no anno 27 de Jeroboam filho de Joaz Rei de Israel. Foi seu reinado um bom reinado aos olhos de Deus e dos homens; mas um dia, lá pela tarde da vida adiante, lembrou-se d'entrar no Sanctuario para offerecer incenso no *altar dos perfumes*, o que o Pontifice Azarias em vão pretendeu impedir, porque Ozias, levado do orgulho da victoria das suas armas, o desattendeu, sentindo-se em seguida accomettido d'uma lepra de que não mais se pôde ver limpo.

Reinou Ozias 52 annos em Jerusalem, tendo por sua morte subido ao throno seu filho Joatham.

**PALMYRA.** Cidade que Salomão mandou reedificar, assim como a Balaat, Gaber, Bethion, etc.

**PARÁBOLAS.** Salomão compoz 3 mil. São os Proverbios. *V. Proverbios:*

**PARAIZO.** Ceu, bemaventurança, — logar agradável, paraizo terrestre, eden, logar onde Deus pôz o primeiro homem, — Reino do Ceu.

**PASCHOA.** Quer dizer «Passagem do Senhor.» O ultimo mal que Jehovah fez a Pharaó por lhe ter opprimido o seu povo, foi a morte de todos os primogenitos do Egipto, tanto de homens como d'animaes, na noite de 14 para 15 do 1.º mez—ou Nyzan—em que o anjo do Senhor passou, exterminando-os em todas as casas sem marca; porque os filhos de Jacob tinham as hobreiras das suas portas marcadas ou assignaladas com o sangue do cordeiro paschal que, por urdenação divina, cada familia israelita havia matado no dia 14 á tarde e devia comer assado n'aquelle mesma noite, de sapatos nos pés e bordão na mão, porque ao romper do dia devia Israel sahir do Egipto, como sahiu, com todos os seus haveres. E assim foi, porque até o herdeiro de Pharaó havia perecido.

(Continúa)

ALVES D'ALMEIDA.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Milicia Christã

2.ª PARTE

XXXVI

#### A Devoção Verdadeira

Celeste, encantadora. suave briza,  
E' cujo terno afago  
As almas, que tal sentem, electriza  
Sem lhes causar estrago,  
As sublima, as encanta e as enleia,  
Qual nuvem bella de virtudes cheia.

E n'ella, como absortas no conforto  
Da mais feliz ternura,  
Descobrem entre nuvens esse porto  
De celestial ventura,  
Onde na paz o pulchro e bom habita,  
Sem leve sombra d'algun mal maldita.

Gosando, desde já, o suave ambiente  
De terno amor divino,  
E quem devoto tanta dicta sente  
Descobre do destino  
As levantadas, ricas excelencias,  
Dos altos ceus nas bellas eminencias.

Com placida ternura conversando  
Com santos moradores,  
Que vivem venturosos, disfrutando  
A vista dos primores  
Do ser divino de bondades cheio,  
Que são do espirito eternal enleio.

E quem com ellas cá de longe falla,  
E sente seus afagos,  
Já muito menos, ao soffrer, se rala,  
Nadando n'estes lagos  
De miserias amargas sempre cheios,  
Na esperança de celicos recreios.

E, se da Virgem no esplendor repara,  
Da creação adorno,  
Formosura sem par de Deus tão cara,  
Com anjos mil em torno,  
Então já cheia vêm de luz a mente,  
E um que do ceu o coração já sente.

E parece sentir do amor materno  
Mais puro, mais amante  
Insondavel, intenso, como eterno,  
A briza mais galante,  
Que vem semeando com prazer virtude,  
A enfermos tristes para dar saude.

E então gosando a maternal caricia  
De Mãe tão carinhosa,  
Aqui se sente celestial delicia,  
Aqui do ceu se gosa  
O deleite de mysticos prazeres,  
Encanto puro de celestes seres.

E se de Jesus na bondade pensa,  
Tocando no infinito  
Da perfeição sem limite intensa,  
Onde, sem leve atrito,  
A eterna luz de todo o bem se espalha,  
Ali descobre quem na dor lhe valha.

Ali das iras o remedio certo,  
De quem paciencia implora  
De quem perdido vae no deserto,  
Onde a solidão mora,  
A' luz da fé e da esperança bella,  
Que noiva vida mais além revela.

Do pobre triste, amante providencia,  
Que d'elle vae avante,  
Pregando ao rico no imo da consciencia  
Para que nunca espante,  
Com altivez, sem caridade, o pobre,  
E não lhe negue o que na meza sobre.

O orphão, a viuva a protecção constante  
Veem em Jesus segura,  
O calumniado o defensor constante,  
Que da consciencia apura  
O merito o valor com facie amiga;  
E do malvado a perversão castiga.

Todos veem em Jesus o sol da vida,  
O afago mais prestante,  
A protecção mais terna e mais querida,  
O rico Pae amante,  
O que piedoso entre delicias ora,  
E quem constricto seus peccados chora.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## O cancionero de Leão XIII

VERTIDO EM LINGUAGEM

(SONETO)

A soberana voz que ensina ao muudo  
Altos dictames que Adonái lh'inspira,  
A voz que das nações na horrivel ira  
Inculca a paz com seu saber profundo,

E' voz d'um genio que avivou fecundo  
Com classico vigor a ausonia lyra:  
Quando ao peso da cruz Elle suspira,  
Ella o consola em metro gemebundo.

Soam os echos com ignoto encanto.  
Surja um vate que altivolo se libre  
No céu de Lysia e lhe traduza o canto.

Surge... e LEÃO se agrada que tal vibre  
Seu aureo plectro a mão de *Campo Sancto*:  
Triumpho o nosso Tejo, applaude o Tibre.

J. S. G.

## MARIA

Já rescendente e rutilo  
O mez surgiu das flores;  
Harmonicos rumores  
Povoam terra e céos;

A natureza provida  
Solta rica promessa;  
O alto orbe se adereça  
De azues e niveos véos.

Tudo é belleza esplendida,  
Maravilhoso encanto:  
E como não, se o santo  
Mez é da Virgem Mãe?

Cultos de amor suavissimo  
Tributam-lhe os humanos,  
É os coros soberanos  
Celebram-n'a tambem.

Do presepe ao Calvario,  
Junto ao divino Christo  
Vulto grandioso é visto  
De celestial Mulher,

Ternissima seguindo-o  
No analogo momento,  
Ou co'o alto pensamento  
Sempre n'Elle a viver.

Pois era a Mãe santissima,  
Formosa, immaculada,  
Profundamente amada,  
Do candido Jesus:

Mãe com que Elle, magnanimo,  
Ardente em caridade,  
Brindou a humanidade  
Do alto da sua cruz.

Oh! sim, só Virgem celica  
Devia ser chamada  
A' honra assignalada  
De carne ao Verbo dar;



Santo Elias no deserto

E d'este Verbo altissimo  
A presença divina  
A Mulher peregrina  
Viera sublimar.

Do Eden, n'outr'ora fulgido,  
O solo profanado  
Para o corpo sagrado  
Meritos já não tem;

Mas Deus, grande e bonissimo,  
De longe preparara  
Mansão virginea e rara,  
Que a terra não contem.

O seio foi purissimo  
De Maria amorosa,  
Tão santa e gloriosa,  
Com tão modesta ser;

Que immensos beneficios,  
D'entre os celestes brilhos,  
Sobre seus mortaes filhos  
Se compraz em verter.

Comprendera o mysterio  
A mulher do Evangelho  
Que, com sabio conselho,  
Extatica exclamou:

«Bemdito o ventre angelico  
Que te trouxe ditoso;  
Bemdito o venturoso  
Peito que te aleitou!»

A. MOREIRA BELLO.

## SECÇÃO HISTORICA

### Antonio Luiz Seguier

**ESTE** nome é digno de apparecer com honra nas columnas d'uma publicação religiosa, e em todo o escripto que se occupe de homens illustres, benemeritos da Igreja e da humanidade, da philosophia e das sciencias, da sociedade em geral.

Nem todos os que a historia archiva em seus fastos teem tanto jus a esta honra como Antonio Luiz Seguier, que, ainda mal, é pouco conhecido d'alguns auctores e, o que é peor, pouco apreciado por outros.

Varão preclarissimo por muitos titulos foi Seguier, advogado geral no parlamento de Paris, no terceiro quartel do seculo XVIII, tão fecundo em grandes talentos, supposto que alguns aberrassem do recto caminho.

Este magistrado, um dos mais notaveis e respeitaveis da França, antes da grande Revolução que abalou o mundo inteiro e cujos effeitos ainda hoje se sentem, distinguiu-se por suas virtudes religiosas, por seu caracter energico, por sua vastissima sciencia, por sua forte eloquencia, e ainda pelo tom prophético das suas palavras.

Nasceu Antonio Luiz em Pariz, a um de dezembro de 1726, sendo descendente d'uma familia nobre e antiga que produziu grande numero de titulares, gloria da sua patria, e entre elles alguns magistrados de vulto.

No Collegio de Luiz o Grande dirigido pelos jesuitas, recebeu Seguier as primeiras lições, a educação litteraria, e juntamente a educação moral, que nunca devia andar separada d'aquella.

E esta educação moral, base da verdadeira sciencia, sempre a manifestou Seguier em todos os actos da sua vida publica e privada.

E foram os jesuitas que o educaram nas lettras e na moral.

O quê? Os jesuitas!

Sim, e então de que se espantam? Em todo o tempo, no passado e no presente, a Companhia de Jesus brilhou, como é confessado por todos os homens sabios e sensatos, pela instrução e educação da mocidade; e é por isso que as suas escolas eram geralmente procuradas por todas as familias verdadeiramente empenhadas na boa educação dos seus domesticos, sendo frequentadas por immensos alumnos.

Bem sei que esta linguagem não é comprehendida, ou é mal entendida nos tempos presentes em que predomina e pretende dar leis a todo o mundo uma coisa a que chamam socialismo e que nem os seus proprios adeptos sabem o que é. Bem sei.

Mas vamos adiante. Deixemos esses loucos que se dizem amantes da humanidade.

Logo desde os primeiros tempos de seus estudos no Collegio, deu Antonio Luiz Seguier evidentes signaes de seu talento, mostrando sobretudo as mais felizes disposições para a arte oratoria.

E, alem d'outros dotes naturaes que n'elle resplandeciam, era dotado d'uma admiravel presença de espirito e d'uma memoria prodigiosa.

Com relação a este ultimo ponto, basta dizer-se que, ouvindo elle um qualquer discurso, reproduzia-o depois por escripto exactamente, palavra por palavra.

Aconteceu uma vez perder-se o manuscripto d'um discurso que tinha sido recitado em publico; e o nosso Seguier, em sua casa, restabeleceu-o por inteiro no espaço d'uma noite.

Ora, pois, não tardou que a noticia do seu feliz talento se annunciasse por toda a parte. Em toda a França echoou o nome de Seguier.

Em consequencia d'isto, sendo ainda muito joven, foi nomeado advogado do rei, e pouco depois advogado geral no parlamento de Paris, cargo então

da maior importancia no reino da França.

Foi n'esta magistratura que elle manifestou o seu zelo e a sua intelligencia, mostrando-se um digno successor d'um Talon e d'um d'Aguesseau, esses grandes modelos da eloquencia forense.

Em 1757 entrou na celebre Academia franceza, e o seu discurso de recepção (era então costume de todos os novos academicos recitar um discurso) é considerado como uma peça de eloquencia, modelo n'este genero.

Chegou, emfim, o tempo de Antonio Luiz Seguier patentear e desenvolver, no exercicio da sua magistratura, o seu espirito e a sua coragem. Elle combateu com denodo e com energia as doutrinas perniciosas, anarchicas e anti-religiosas que n'essa epocha espalhava quasi imponente (mas não tanto como hoje), o partido chamado philosophico, de que eram centro Voltaire, d'Alembert, Diderot, Rousseau, d'Holbach e outros sectarios da escola encyclopedica.

E note-se que não poucos seus collegas da Academia, não fallando em outras pessoas da alta sociedade, favoreciam poderosamente as taes doutrinas immorales e anti-sociaes. Mas o nosso advogado geral pronunciou-se abertamente e intrepidamente contra ellas.

Tempo desgraçado foi aquelle que já prefacia a grande catastrophe prestes a rebentar, com assombro de todo o mundo.

A impiedade tirou a mascara para caminhar de cabeça erguida; romperam-se todas as barreiras que impediam o progresso do mal; satanaz, o antigo pae da mentira, poz-se em campo com audacia e artificio contra tudo o que havia de mais sagrado. Nada escapou aos ataques do philosophismo incredulo.

Escretores os mais insidiosos, sem reboço procuraram destruir os principios religiosos e minar as bases da sociedade.

Nunca se tinha visto uma equal libertinagem de espirito. As verdades as mais bem demonstradas eram postas em problema e decididas com uma temeridade de que não havia exemplo nos seculos passados.

Direi, como entre parenthesis, que em nossos dias o jacobinismo não se mostra menos arrogante. Antes, pelo contrario.

Ora o nosso advogado geral combateu fortemente este pernicioso estado de coisas, em cumprimento do seu dever.

Em 1770 Seguier fez a sua *Requisitoria* contra os livros impios e anarchicos que a imprensa diariamente

dava ao prélo. Aquella eloquente peça foi publicada por ordem de Luiz xv; mas o erro continuava a propalar-se. Porquanto o mesmo ministerio francez apoiava as ideias revolucionarias dos novos philosophos.

Ouçá-se agora o que dizia Seguiet na sua *Requisitoria*:

«A impiedade não restringe os seus projectos innovadores a dominar sobre os espiritos e a arrancar de nossos corações todo o sentimento da Divindade: o seu genio inquieto, audaz, inimigo de toda a dependencia, aspira a destruir todas as constituições politicas.

«Os seus votos só estarão cumpridos quando tiver destruido esta desigualdade necessaria de classe e de condição, quando tiver envilecido a majestade dos reis, tornado precaria e subordinado aos caprichos da plebe a sua auctoridade, e quando, finalmente, por meio d'uma revolução, tiver precipitado o mundo inteiro na anarchia e em todos os males que d'ella são inseparaveis.

«Talvez que estes impios, no meio da confusão e perturbação em que teem lançado as nações, queiram elevar-se sobre o vulgo e dizer aos povos: nós somos os unicos que vos podemos esclarecer e os unicos em estado de vos governar.»

Ora isto escreveu-se muitos annos antes da Revolução, e parece que foi posteriormente áquelle acontecimento, depois de vistos os seus horrores e ouvidos os discursos revolucionarios. Foi uma verdadeira prophesia. Seguiet assignalou com exactidão o resultado da propaganda irreligiosa e anti-social.

E não era necessario ser grande propheta para assim o prever. Não deixarei de dizer que pelo mesmo tempo outros muitos escriptores escreveram em identico sentido. Distinguiram-se n'esta parte alguns oradores sagrados. E' uma verdade que a Revolução franceza com todos os seus horrores foi vaticinada muito antes de 1780.

Voltemos ao nosso Antonio Luiz Seguiet, de quem pouco mais se me offerece a dizer; basta o que fica enunciado para se conhecer o seu grande merito.

Por varias vezes este magistrado assignalou a origem da falsa philosophia, os seus esforços em perverter os espiritos, diminuir o imperio da religião, metter a ridiculo as praticas religiosas, e sublevar os povos em lugar de os esclarecer.

Seguiet viu os principios da catastrophe que havia previsto. Foi-lhe

offerecido o logar de *maire* de Pariz; mas, convencido que nenhum bem podia fazer n'aquellas circunstancias, e não querendo associar-se ao mal que lhe era impossivel impedir, retirou-se ao seio de sua familia.

Morreu em Tournay a 25 de janeiro de 1792.

Deixou de si a memoria d'um juiz integro, magistrado eloquente, defensor esclarecido da religião e subdito fiel do seu rei.

Os seus discursos, de que existem alguns fragmentos, são notaveis por sua dignidade de linguagem, por sua clareza, exactidão das expressões e justeza de raciocinio.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Santo Elias no deserto

(Vid. pag. 119)

Segundo conta a Biblia, houve no nono seculo antes de Jesus Christo um rei de Israel, chamado Achab, que foi um verdadeiro impio. Instigado por sua mulher Jesabel, erigiu um templo a Baal (horrendo divindade do paganismo phenicio). Perseguiu os prophetas de Deus, e só recorreu a elles, quando se viu cercado na Samaria por Benbadab, rei da Syria.

O santo propheta Elias debalde tentou desviar-os da idolatria, punindo-os com a esterilidade triennial na sua nação. Querendo seduzir o rei, mediante um prodigio, sacrificou ao Deus verdadeiro, ao passo que os falsos prophetas sacrificavam a Baal. Por uma prece de Elias, baixou fogo celeste a consummir as suas victimas, em quanto que as supplicas dos sacerdotes de Baal nada alcançaram.

Mas o impio Achab em vez de se dar por vencido, e adorar o verdadeiro Deus, enraiveceu-se contra Elias, e perseguiu-o ferozmente, até que teve que se refugiar no deserto de Horeb, onde se alimentou milagrosamente, trazendo-lhe os corvos a comida.

Foi no monte Horeb, onde o Senhor appareceu a Moysés, na forma d'uma sarça ardente, e lhe ordenou que tirasse o seu povo da escravidão e o levasse do Egypto para a Terra da Promissão.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Recebemos, entre outras, as seguintes obras e publicações:

«*Concilio ecomenico do Vaticano* traducção portugueza accompanhada do texto latino, com notas pelo Padre Chrispim Caetano F. Tavares.» E' um volume de 90 paginas, approvado pelo fallecido Em.<sup>mo</sup> Cardeal D. Americo, apoz uma informação muitissima honrosa para o auctor do Exc.<sup>mo</sup> Conego Conselheiro Dr. Theotónio, vice-reitor do seminario episcopal d'esta cidade.

Attenta a importancia do assumpto, que diz respeito, como os leitores perfeitamente sabem, ás sessões do concilio ecomenico que teve logar no Vaticano, e cuja abertura foi no dia 8 de dezembro de 1869, a convite do fallecido Pontifice o Papa Pio IX de saudosa memoria, e em que foi definido o dogma da infallibilidade do Chefe da Igreja Catholica, e que foi solemnemente proclamado a 18 de julho de 1870 — e attentas as eruditas notas com que o traductor faz acompanhar o seu trabalho, o livro de que tratamos é imprescindivel nas mais modestas estantes de todos os catholicos, e por isso a todos aconselhamos a sua acquisição.

—O fasciculo n.º 40 do *Cathecismo de Perseverança*, excellente publicação que, com toda a regularidade está publicando o nosso amigo Antonio Dourado, e que continua a assignar-se por volumes ou por fasciculos na rua do Carmo n.º 3—Porto.

—O n.º 7, correspondente ao mez de março das *Novas Leituras Populares*, interessante publicação mensal.

—O n.º 6 e 7 da curiosissima publicação quinzenal *Aurora do Cavado*, redigida pelo Dr. Rodrigo Vellozo, em que sempre ha excellentes apreciações litterarias, para que o auctor é competentissimo.

—Os n.ºs 1477, 1478, 1479, e 1480 da *Revista Popular*, esmerado semanario religioso que se publica em Barcellona, e em que sempre se encontram esplendidas illustrações.

—O n.º 18 (XV anno) de *El Eco franciscano*, formosa publicação mensal que vê a luz publica em S. Thiago de Compostella, e que é publicada pelos Rev.<sup>os</sup> Padres Franciscanos. Vem adornado este numero com uma bella gravura, representando Sua Santidade o Papa Leão XIII.

—Os n.ºs 4 e 5 do *Collegio*, prestimosa publicação Vimaranense, de que é director o Rev. Padre Antonio Hermano, director do bem conhecido

collegio de S. Damaso. Ambos os numeros são illustrados.

—Os numeros correspondentes aos mezes de Abril e Maio da *Revista de las Hijas de Maria*, publicação mensal de Barcellona.

—O n.º 1 do Volume XVI, correspondente ao mez de Janeiro da *Revista de Guimarães*, publicada pela Sociedade Martins Sarmento, que vem, como todos os demais numeros, palpitante de interesse e de curiosidades, prendendo sempre a attenção do leitor estudioso.

—O n.º 35 (tomo III) do *Mensageiro do Coração de Jesus*, órgão mensal do apostolado da oração no Brazil.

Agradecemos, penhorados, todas as mencionadas publicações.

## NECROLOGIO



### FALLECIMENTO

«*Beati mortui in Domino moriuntur.*»

Falleceu, já não existe, alou-se para outra vida melhor, para a vida e região da graça, pranteado pelos seus filhos que o amavam com filial amor, na bonita idade de 96 annos, o snr. Bernardino Pacheco Pereira da Cunha, pharmaceutico antiquissimo, da casa de Subribas, no concelho de Lousada, pae extremoso do Bacharel Presbytero Agostinho Pacheco Pereira da Cunha e de Monsenhor João Chrysostomo Pacheco Pereira da Cunha. Era descendente da nobre familia dos Pachecos e illustre pelos antepassados.

Este venerando ancião era respeitabilissimo pelos seus dotes de generosidade e attendendo á sua avançada idade. O que mais se admirava na sua pessoa era a sua conservação physica e normal; pois que ainda se sustinha n'uma robustez propria d'um joven de 18 annos! Quem o contemplasse de perto e analysasse a sua physionomia ter-lhe-ia inveja, porque no rosado de suas faces, que de ordinario sempre apresentava, tinha a apparencia d'um joven na flôr dos annos. Mas nem todos são d'essa tempera!...

Durante a sua vida e na missão de pharmaceutico, prestou sempre relevantissimos serviços á humanidade.

Com a sua longa pratica, com o seu

fino engenho muitas vezes deu provas de exceder os peritos mais habéis: Pode claramente dizer-se que viveu e passou praticando o bem!...

Um grande soffrimento o prostrou no leito da dôr e em pouco tempo o arrebatou para a tremenda região d'Alem-tumulo...

A sua morte foi edificante como costuma ser a morte dos justos!...

Lá, do throno do Altissimo, não esqueças de interceder pelos teus; pois elles jámais olvidarão a tua veneranda memoria!...

*Requiescat in pace.*

A. P. P. C.

## RETROSPECTO

### Remoção de imagens

Por ter sido ordenada pelo Snr. Ministro das Obras Publicas a ampliação do edificio da Academia Polytechnica, e por terem já principiado os respectivos trabalhos, começaram já a ser removidas para o edificio dos Paços do Concelho as imagens que existiam no extinto templo da Graça, até que se designe templo para onde ellas devam ser definitivamente destinadas. A imagem de S. Jorge, que ainda costuma ir em todas as procissões do *Corpus Christi*, foi uma das primeiras que seguiu.

Já foram photographados os altares, para serem depois collocados exactamente como estavam no demolido templo.

Brevemente sairão os orphãos para o edificio que provisoriamente lhes está destinado.

### Centenario da Misericordia do Porto

Realisou-se no dia 14 d'este mez o quarto centenario da fundação da irmandade de Nossa Senhora da Misericordia. Houve de manhã missa solemne, Santissimo Sacramento exposto, sermão pelo Rev.º Dr. Francisco Martins, lente da Universidade de Coimbra, *Te Deum laudamus*, e no fim a benção papal, beneficio espiritual que a sollicita meza houve por bem obter de Sua Santidade para mais engrandecer este acto.

A's cinco horas da tarde sahio da egreja um cortejo composto dos capellães do coro d'aquella irmandade, e de todos os empregados da secretaria e hospitaes e foi ao Largo da Sé, até ao local onde em 1499 foi instituida a irmandade. Ahi foi descerrada uma lapide commemorativa, e foi coberto de flores o tumulo, que ainda existe no ultimo lanço que foi do velho claustro, e onde foi sepultado o rev.

conego mestre escola Martim Mendes bemfeitor e provedor d'uma Gafaria das que antigamente havia na cidade e que precederam a instituição das Misericordias.

Hoje (15) devem ser inauguradas no hospital da Misericordia 6 enfermarias, que terão as seguintes denominações: «Seraphim Vasques», «Godinho da Silva», «Teixeira Guimarães», «Balthazar Martins», «Souza Araujo» e «D. Anna Passos». A solemnidade será ás 11 horas da manhã.

Deve seguir-se depois a distribuição dos premios, pela uma hora da tarde, ás alumnas laureadas do Recolhimento das Orphãs de S. Lasaro, e aos alumnos laureados dos diversos institutos a cargo d'aquella casa de Beneficencia.

### Paramentos para o culto

Por portaria de 9 de maio corrente, publicada no «Diario do Governo» n.º 105 do dia 10 de maio, foi auctorisada a confraria do Santissimo Coração de Jesus da Povia de Varzim a applicar na compra de cinco opas novas para o serviço do culto, a quantia de 32.7500 réis importancia de dois legados recebidos sem applicação especial.

### Amigo á moderna

#### VI

(Continuado de pag. 110)

(CONCLUSÃO)

N'esse instante o sacerdote abriu os olhos amortecidos e disse com triste accento:—«*Não, meu filho, a lei do nosso Divino Mestre não quer maldições. Oremos pelo infeliz...*» E logo o Bispo, tomando um breviario que ali estava, leu o seguinte:—*Oremos pelos perfidos judeus, para que o Senhor tirando-lhes o véo da cegueira que cobre seus corações reconheçam a Jesus Christo.*»

Uma golplada de sangue suffocou o ferido: a alma do Santo Sacerdote voára ao céu!

Ajoelhou-se o bispo, e com elle todo o povo que, unido no mesmo sentimento de dôr e tristeza, recitava juntamente a prece pelos finados.

Era um spectaculo enternecedor!

Declinava a tarde. As montanhas já se iam obscurecendo com as sombras crepusculares. Ao longe, mui longe, porém, as cristas d'aquellas que ficavam mais remotas, achavam-se ainda banhadas da dourada luz do sol, e como que revestidas das preciosas côres do iris.

Desde que David Kohnstein sahira para Lapaca, Pedro Ségourous soffria em Monte-Carlo torturas incriveis, e

nunca mais pôz os pés dentro do Casino.

Com o coração em continuo desasocego e sobresalto, buscava a solidão como para procurar certa paz e tranquillidade, que não encontrava no bulício da cidade.

Aquella semana, afinal de contas, havia de terminar, pois David lhe promettera estar de volta, quando muito, no sabbado.

Chegou esse dia, e Pedro dirigiu-se á estação para esperar os passageiros. Como ainda era cedo, comprou o *Petit-Journal*, de Pariz, e poz-se a lê-lo distraidamente.

Quando percorreu com a vista a secção dos *Echos diversos* deparou com o seguinte telegramma dos Altos-Pyrineos;

—«O paroch de Lapaca foi assassinado esta noite. O criminoso evadiu-se.»

Pareceu-lhe ouvir estalar o raio perto de si, tal foi o susto que tomou o pobre Pedro Ségourous!... Pallido, assombrado, tremulo, quiz lêr novamente aquellas linhas... mas o horror impediu-o! Em cada letra julgava ver uma espantosa mancha de sangue!...

Desorientado, cruelmente afflicto, voltou a casa, sentindo uma ancia louca de gritar:—«*Eu sou o assassino! Eu sou o assassino do meu bemfeitor!*»

Quando chegou ao seu quarto, deixou-se cair em uma cadeira e deu livre curso ao pranto! Que final tragico!... E elle não previa... Seu amigo! Que remorso vingador a torturar lhe a alma!... Acudiam lhe então á imaginação os conselhos do tio, o modo brusco porque o tratára, a casa do paroch, as recordações da sua ditosa infancia, tudo agora lhe acudia em tropel á mente para esmagar-lhe o coração!

Pedro sentiu até um desejo irresistivel de ir pedir perdão junto á victima!

Levantou-se, e depois, voltando-lhe certa calma, ponde discorrer um pouco com mais lucidez.

—Quem sabe? Talvez não morresse... talvez fosse sómente uma tentativa de homicidio... Seja, porém, como fôr, disse resolutamente, é preciso que eu vá immediatamente... é meu dever... Se estiver morto, acompanhal-o-ei ao cemiterio.

Informando-se immediatamente da hora em que partia o trem rapido, comprou passagem para Toulouse, e já ás 11 horas do dia a locomotiva, lançada a toda a força, franqueava velozmente as distancias. Pedro ainda encontrava demorada aquella carreira vertiginosa. Só tinha um pensamento: chegar quanto antes para pedir perdão.

De Toulouse seguiu no mesmo instante para Caunterets, perto da qual cidade se acha Lapaca.

Chegou a casa do paroch. Seu coração palpitava de um modo extraordi-

nario, como se quizesse saltar fóra do peito.

Bate á porta. Veio abril-a um respeitavel sacerdote, seu conhecido.

Apenas o viu, disse-lhe abraçando-o:—Que desgraça, caro Pedro, que desgraça! Já saberá o que aconteceu, não é assim?

Pedro nem pôde responder. A angustia era suprema; embargava-lhe a voz! Continuando a entrar, o sacerdote guiou-o até o quarto funebre. Logo que o Padre abriu a porta, vendo Pedro, ao pallido clarão dos cirios, o cadaver do venerando ancião com os olhos cerrados pelo somno eterno, e com um crucifixo collocado sobre o peito, o desditoso moço cahiu de joelhos junto ao leito mortuario, e, occultando entre as mãos o rosto banhado em amargurado pranto, bradou com um accesso de desesperada supplica:

—Perdão! Perdão!... Sou eu o assassino! Fôram os meus desvarios a causa de tudo!

O sacerdote ficou estupefacto diante d'aquella scena de triste desafogo...

Era o desafogo do remorso, quicá de muito arrependimento!

Ignorando os pormenores da vida irregular que levava Pedro, já ha alguns annos, este, com aquella instinctiva necessidade de expansão que impelle o réo a declarar-se perante o juiz, narrou com voz alterada, ante lagrimas e soluços, toda a historia do seu proceder incorrecto.

O Padre ouviu-o com placidez e gravidade, sabendo que não convinha interromper as expansões de um coração culpado.

Logo que Pedro terminou sua narração, o ministro de Deus ajoelhou-se perante o cadaver do paroch, supplicando á boa alma do seu amigo que alcançasse do Senhor misericordia em favor do seu infeliz sobrinho, tão arrependido como estava das suas culpas.

Pedro velou toda a noite, ali, junto ao finado.

Ao alvorecer de domingo de Paschoa, quando os sinos tangiam alegres annunciando a resurreição do Senhor, Pedro, no auge da commoção, prorompeu em novas lagrimas, ardentes sim, mas sem aquelle desespero anterior. Como Paulo e Agostinho, erguen para o céu um olhar supplicante e humilde... Queria fazer penitencia.

E em todas as egrejas catholicas os sacerdotes celebravam n'esse dia o santo sacrificio, dizendo:—«Este é o dia que fez o Senhor; alegremo-nos e exultemos n'elle. Demos graças a Deus, porque é hom, e é infinita a sua misericordia. O Cordeiro redimiui as ovelhas. Christo, innocente, reconciliou os peccadores com seu Pae.»

.....

Um mez depois das exequias do paroch de Lapaca, um joven entrava no mosteiro dos religiosos Trappistas. Era Pedro Ségourous.

David Kohnstein soube illudir a vigilancia da policia, mas não pôde subtrahir-se aos castigos da justiça divina.

Quando no humilde cemiterio da aldeia floresciam os primeiros goivos sobre o tumulto do bom pastor de Lapaca, o assassino batia-se em duello e morria impenitente em Monte-Carlo!

Terríveis juizos de Deus!

Terrivel lição para a mocidade que confia em certos amigos!

## EXPEDIENTE

São nossos correspondentes, por especial obsequio os Ex.<sup>mos</sup> Snrs.:

No Funchal—João José de Macedo, —Livraria Funchalense.

Angra do Heroismo—Antonio Pereira da Costa—Em frente á Sé.

## O PROGRESSO CATHOLICO

(Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez)

O administrador,

**José Fructuoso da Fonseca**

72—Rua da Picaria—74

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente. Provincias ultramarinas e paizes da União Geral das Correios, 1\$100 reis—Estados da India, China e America, 1\$280 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis.

**As assignaturas são pagas adeantadamente**

**José Joaquim d'Oliveira**

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Univer-sal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de seda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias reaes Portuguezas.

OBRAS Á VENDA EM CASA DO EDITOR  
**JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA**  
 72—Rua da Picaria, 74—PORTO

**O MEZ DE S. JOSÉ**  
 A VIOLETA DE MARÇO  
 VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

POR  
 CARLOS H. PIEPER  
 REVISTO PELO

*Dr. Theologo Domingos de Souza  
 Moreira Freire*

Com permissoão do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal  
 D. Americo, Bispo do Porto

(2.<sup>a</sup> EDIÇÃO)

Augmentada com o Modo de ouvir a missa  
 pelos defunctos. Broch., 100; enc., 160.

**MEDITAÇÕES**

PARA

**O MEZ DE MAIO**

PELO

*Padre AFFONSO MUZZARELLI*

da COMPANHIA DE JESUS

COM

Piedosos e lindos colloquios  
 com a SS. Virgem para todos os dias e tocantes  
 exemplos extrahidos das obras de  
**SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO**  
 e de outros bons auctores

Com permissoão do Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal  
 D. Americo, Bispo do Porto

**QUARTA EDIÇÃO**

Preço, cart. . . . . 160 reis  
 Broch. . . . . 100 "

CONDE DE SAMODÃES

**O MEZ DE MAIO**

Consagrado á Santissima Vir-  
 gem Mãe de Deus

**NOVO MANUAL**

para os exercicios de devoção n'este mez  
 com a collaboração poetica de  
*Antonio Moreira Bello*

Auctorisado e approvado pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal  
 Bispo do Porto, que concede cem dias de  
 Indulgencia por cada leitura da Meditação  
 de um dia.

Preço, encadernado, 400 reis

**Historia de S. Francisco**

de Sales, Pelo Marquez de Ségur,  
 traduzida da 18.<sup>a</sup> edição  
 franceza, por M. Fonseca. 1 vol. broch.,  
 600 reis.

**MODO**

DE

**OUVIR MISSA PELOS DEFUNCTOS**

E

Orações do bom christão

OBRA RECOPIADA

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

COM APPROVAÇÃO

DO EX.<sup>mo</sup> E REV.<sup>mo</sup> SNR. VIGARIO CAPITULAR

Preço: Broch., 100; enc., 160.

**Os Episodios Miraculosos de**

**Lourdes**, por Henrique Lasserre—Con-  
 tinuação e tomo segundo de  
 Nossa Senhora de Lourdes—Obra prefaciada  
 e vertida em portuguez por Francisco d'Aze-  
 redo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães  
 - 1 vol. broch., 600 reis.

**IV Livro da Imitação de Jesus**

**Christo**, Que alguns attribuem a Jersen  
 outros a Gerson, e outros a  
 Thomaz de Kempis, vertidos em linguagem  
 portugueza segundo uma tradução publi-  
 cada em 1743, reimpressa em 1877, e agora  
 revista, correcta e confrontada com a edição  
 latina, por Francisco d'Azeredo Teixeira  
 d'Aguilar, conde de Samodães—Com appro-  
 vação do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Bispo do Porto  
 — 1 vol. enc., illustrada com quatro gravu-  
 ras de pagina, 250 reis.

**As Chammas do Amor de Je-**

**SUS**, ou provas do amor que Jesus tem,  
 testemunhado na obra da nossa re-  
 dempção, pelo Abbade D. Pinnard. Tradu-  
 ção pelo rev. Padre Silva, professor do  
 Collegio de Cucujães e precedido d'uma  
 carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues  
 Vianná, dignissimo director espirital dos  
 Seminarios Diocesanos do Porto. E' um li-  
 vro precioso e já conta as valiosissimas  
 approvações e recommendações do Em.<sup>mo</sup>  
 Snr. Cardeal D. Americo Bispo do Porto;  
 Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha de  
 Lisboa, e dos Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Bispos d'Angra,  
 de Macau, do Funchal, e do Arcebispo-Bispo  
 do Algarve. Um volume de perto de 500  
 paginas in-16.º 2.<sup>a</sup> edição 1 vol. encad.,  
 600 reis.

**O Apostolado da Imprensa, O**

**Apostolado da educação, O**

**Apostolado do Clero,**

Conferen-  
 cias reli-  
 giosas que nos domingos da Quaresma de  
 1882, 1883 e 1884 recitou na Sé Cathedral  
 do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodri-  
 gues Vianna—3 vol. broch., 750 reis.

**A MÃE**

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

OU

**DEVERES DA MÃE CHRISTA**

PARA COM SEUS FILHOS

POR

*O Abbade J. BERTHIER, M. S.*

Vertido da 4.<sup>a</sup> edição franceza

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholi-  
 cos. Preço 600 reis.

**NOVENA**

DO

**ESPIRITO SANTO**

PELO

**P.<sup>c</sup> MANOEL MARINHO**

Approvada e indulgenciada

POR

**S. Em.<sup>a</sup> o Sr. Cardeal D. Americo,  
 Bispo do Porto**

Brochado . . . . . 100 reis  
 Encadernado . . . . . 150 "

A' venda no escriptorio de Antonio  
 Dourado, Rua do Carmo n.º 3, Porto,  
 e em Lisboa, Agencia Universal de  
 publicações, Rua da Victoria 38-1.º e  
 nas principaes livrarias.

**Cartas Encyclicas do Santo**

**Padre Leão XIII** aos Patriarchas,  
 Primazes, Arce-  
 bispos e Bispos de todo o mundo catholico  
 2 vol., 1\$000 reis.

**Catecismo contra o Protestan-**

**tismo**, Composto pelo Cardeal Cuesta;  
 Arcebispo de S. Thiago; appro-  
 vado e recommendado pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal  
 Bispo do Porto. Cada exemplar, 50 reis; 25  
 —1\$000; 50—1\$700; 100—2\$800.

**Horas de Piedade**, ou orações sele-

vação e recommendação de S. Em.<sup>a</sup> o Snr.  
 Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do  
 Porto—Nona edição coordenada e considera-  
 velmente augmentada—1 vol. enc., 250 reis.

**Jesus Vivo no Padre**, Considerações

sobre a excel-  
 lencia e santidade do Sacerdocio, pelo rev.  
 Padre Mille, da Companhia de Jesus. Versão  
 da 3.<sup>a</sup> edição franceza pelo rev. Padre M. M.  
 de Almeida—Com approvação e recommen-  
 dação de todos os Prelados portuguezes—Um  
 grosso vol. broch., 700; enc., 900 reis.